

Stadium

N.º 165 — 30 de Janeiro de 1946 — Esc. 2\$00





FLECHA

A Bicicleta da Actualidade

A ILUMINANTE

STAND FLECHA

Largo do Intendente — LISBOA



S bilharistas portugueses encontraram em Madrid ambiente de enorme expectativa pela sua apresentação, precedida como era pelos ecos de uma reputação justificada em anteriores exposições, e souberam corresponder a ela expressando a sua classe e dando prova de extraordinário brio desportivo.

O encontro escapou-se-nos pela diferença mínima de uma vitória, diferença resultante do que menos poderíamos esperar: a derrota de Ferraz por Gil, jogador que não suporta confronto com o nosso grande campeão, mas lhe ganhou bem a partida de estreia aproveitando a desorientação inicial do português ao deparar com tabelas diferentes daquelas a que estava habituado (tabelas fabricadas em Espanha e, portanto, de uso comum para os jogadores do país) e cuja elasticidade imprimia as bolas movimentos de amplitude diferente do que se esperava.

PORTUGAL E ESPANHA num encontro internacional de bilhar

Também nessa malfadada primeira sessão, Rebelo deixou-se bater por Bofil quando tinha a partida na mão, sendo bem superior ao adversário, como demonstrou nas duas partidas seguintes em que o não deixou chegar sequer a duzentas carambolas.

O público madrileno deu prova de enorme e esclarecido interesse pelo desporto do bilhar, acorrendo sempre numerosíssimo ao salão do círculo de Belas Artes e manifestando com conhecimento de causa, em generosos aplausos, o seu agrado quando qualquer jogador executava carambola de maior arte ou precisão.

Em reforço do que dizemos está o facto de haver espectadores que não arrancaram das bancadas durante toda a primeira sessão do «match», a-pesar de ter durado desde as seis e meia da tarde até às duas menos um quarto da madrugada.

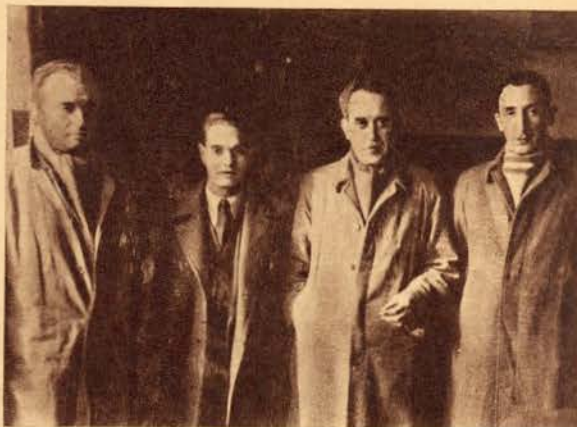
Por sua parte, a Federação Castelhana de Bilhar, em que fôra delegada pela Nacional a organização do encontro, dispendeu notável labor, actividade insuperável, criando todas as condições do êxito verificado e assegurando-se o reconhecimento dos portugueses, que cumulou de gentilezas. O seu presidente, sr. Flores, foi, debaixo destes pontos de vista, o vencedor absoluto da simpática competição, onde sempre prevaleceram a melhor camaradagem e o mais alto espírito desportivo.

Um exemplo: no segundo encontro Pereira-Ventura, aquele em que houve empate, o árbitro impediu uma tacada ao português alegando falta (toque na bola), obedeceu prontamente mas Ventura na entrada imediata não quis aproveitar a situação e propositadamente disparou a bola em sentido contrário ao conveniente.

Depois de quatro derrotas sucessivas a equipa portuguesa parecia condenada a um desastre; os jogadores, porém, sentiram o desaire como um estímulo, dominaram possíveis enervamentos e a sua reacção levou-os a recuperar todo o atrazo, chegando ao último encontro empatados com os espanhóis. Poucas vezes se terá visto numa representação nacional tão sólido bloco de vontades amigas, não esquecendo a acção tonificante do imperturbável bom humor do presidente da A. B. L., dr. Rogério Miranda, que pela sua inteligente assistência contribuiu largamente para o excelente moral dos bilharistas.



O sr. Guilherme Hildebrand e o dr. Salazar Correia, vogais da Comissão Permanente de Intercâmbio, reunidos em Madrid



A equipa nacional de bilhar que jogou em Espanha: Ferraz (2 vitórias), Rebelo (2 vitórias), Pereira (1 vitória e um empate) e Branquinho que foi vencido pelo «az» espanhol Domingo

O quarto encontro com a Espanha, honrosamente concluído para as nossas cores, foi uma prova difícil e que nos trouxe preciosas indicações, as quais se não perder para efeitos futuros e procurar resolver enquanto as suas conseqüências estão patentes. A primeira conclusão patente é que os jogadores portugueses se encontram pouco jogados; todos extranharam o ambiente especial da competição e Ferraz, para apenas citar o elemento de maiores responsabilidades apresentou-se em forma deficiente para exprimir aquilo que vale o seu excepcional talento de bilharista. É indispensável intensificar em Portugal as competições entre jogadores de primeira categoria, dar-lhes o caracter oficial de campeonatos nacionais que ao presente não existem.

S. C.

Na capa:

SALVADOR — O interior esquerdo do Oihonense em local



A chegada da equipa nacional portuguesa a Madrid, vendo-se, da esquerda: dr. Branquinho, sr. Flores, presidente da Federação Castelhana de Bilhar, dr. Rogério Miranda, presidente da Associação de Lisboa, dr. Salazar Correia, Inspector dos Desportos, Alfredo Ferraz e Guilherme Hildebrande, representante da Delegação Nacional (Espanha)

A classificação embrulha-se!

Devemos destacar as vitórias do Benfica e do Sporting na jornada com o número 8

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA



O avançado em luta com o médio!



NÃO há dúvida. A oitava jornada do Campeonato Nacional veio complicar um pouco a classificação geral. Está tudo embrulhado, e vai ser difícil desembrulhar a meada. Há clubes decididamente empenhados na conquista do título, e, dado o nivelamento de valores, é de prever luta acesa e emocionante. O torneio sobe de tom à medida que as jornadas vão sendo riscadas.

O encontro de maior categoria disputou-se no Campo Grande. Um velho aficionado, e que sabe ver jogo, dizia-nos há pouco nunca ter visto vinte minutos de jogo tão belo, artístico e tão bem concebido. De resto, a média geral é altíssima e pode afirmar-se que os dois grandes clubes escreveram uma página brilhantíssima.

Já se diz por aí que o Belenenses não é aquele *team* que quase todos víamos. A afirmação não tem cabimento. Os grupos estão sujeitos à lei da forma, sobem e descem, e o que está a suceder a Belem acontecerá, na altura própria, a todos os outros. O Belenenses atravessa uma leve crise de forma, mas mantém-se na sua grandeza.

Por outro lado, o Benfica é grupo para os grandes momentos, mais capaz de ser vencido por um fraco do que deixar-se dominar por um dos grandes...
Veja-se simplesmente isto! Nem a falta de Gaspar Pinto, fazendo recuar Moreira para a extrema defesa, conseguiu desmoralizar o bloco benfiquense, de resistência mais dura do que a rocha. O grupo ajustou-se muito bem às condições do terreno, orientando os seus golpes pelos extremos. Mário Rui e Rogério, especialmente este, baixando o jogo, galgaram com relativa facilidade o terreno belenense. Rogério mandou no terreno, e, além disso, marcou duas bolas. Os tentos marcados ficam como exemplo de visão e de força de remate.

Alberto Freitas acrescenta que o extremo esquerdo do Benfica derrotou a defesa do Belenenses. E ainda que cada passe do referido extremo gerou o perigo para a rede belenense. «Sempre em movimento, tomando parte em todas as jogadas, também apareceu sempre em condições de rematar da melhor maneira — os dois tentos demonstram-no, pois não foram obtidos do lugar de extremo-esquerdo — e ao mesmo tempo entonteceu o defesa que o

guardava, pois obrigou-o a deslocar-se repetidamente».

Pelo contrário, o Belenenses não jogou na orientação que devia, dado o estado do campo. Os seus interiores agarraram-se muito à bola e procuraram romper a muralha defensiva benfiquense, com pequenos toques. Deste modo, Moreira e Cerqueira (aquele, após os primeiros momentos) varreram o terreno.

Também a defesa do Belenenses mostrou-se vulnerável no jogo rasteiro imposto pelos homens do Benfica. E a linha média não esteve à altura das circunstâncias, não podendo tapar as falhas. Mesmo no aspecto da eficiência, ainda o Benfica foi superior ao Belenenses, apesar de estar nas redes do vencido um homem da categoria de Capela. A sua defesa ao mais potente remate do encontro, saído dos pés de Espírito Santo, é das que fazem a carreira de um guarda-redes.

A linha média do Benfica impulsioneou todo o conjunto. Jacinto,



Capela defende por alto!

com os seus acertos, e Francisco Ferreira, com suas insistências e energias, colaboraram apreciavelmente na vitória. Mas é justo referir também o trabalho de Arsénio, que, como jogador, cada vez sobe mais na nossa consideração.

Benfica alinhou: Martins, Moreira, Cerqueira, Jacinto, Jordão, Francisco Ferreira, Mário Rui, Arsénio, Espírito Santo, Teixeira e Rogério.

Belenenses: Capela, Vasco, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Mário Coelho, Elói, Armando, Quaresma e Rafael.

Árbitro: Abel Ferreira, de Lisboa.

Na Tapadinha e em Olhão



TEMOS que dizer que esperávamos mais do Boavista na Tapadinha. É certo que a lesão de um jogador, e, pelos vistos, de um elemento categorizado, desfez o conjunto. Em todo o caso, um *team* que tem qualidades — demonstra-as mesmo na desgracia.

Porque, caso curioso, os portugueses jogaram sempre com verdadeiro *élan* e o mais vivo espírito de luta. A perder — nunca pensaram só em defender-se. Pelo contrário, procuraram atacar e jogar o seu jogo.

Fez-nos pena ver um grupo fresco, rapazes de sangue na guerra, perderem-se em esforços vão, não ligando o seu futebol. Cada um a jogar para si, ao sabor da sua pontaria! Lances de conjunto realizados em pequenos toques na bola, para os lados e sem progressão no terreno, sempre no mesmo sítio! Deste modo, não foi difícil à defesa do Atlético, que, diga-se, não estava em tarde feliz, dominar o ataque do norte.

O Atlético realizou má partida. Inconcebível para um grupo que sabe jogar e que tem a consciência do valor próprio. Tendo começado muito bem, desviou-se, a breve trecho, inexplicavelmente, de bom caminho. Ao princípio, os extremos foram lançados com perícia, e tais elementos aproveitaram o jogo fornecido. A bola chegou muito depressa às balizas do adversário. Para este bom futebol contribuiu decisivamente o comportamento de Manuel da Costa, que variou os golpes, aproveitando as oportunidades. A verdade é que a bola sai dos seus pés de uma forma diferente dos outros...

Atlético: Correia, Castro, Francisco Lopes, Galinho, José Lopes, Morais, Micael, Armindo, Gregório, Marques e Manuel da Costa.
Boavista: Óscar, Vinagre, Francisco Silva, Chaves, Serafim, Ra-

mos, Zeca, Armando, Biri, Caiado e Barros.

Árbitro: José Pires, de Setúbal.

O Olhanense esmagou o Sport Lisboa e Elvas, e isso não deverá estranhar-se. Os algarvios desenvolvem no seu campo um jogo estupendo, e muito nos enganaremos, ou então o estádio Padinha vai ser fatal para muitos clubes... Ainda temos presente a imagem do Olhanense-Benfica!

O *team* de Olhão caiu a fundo, logo de início. É a velha orientação de conter em respeito o adversário, para, em seguida, o manobrar à vontade.

Deve dizer-se, todavia, que os elvenses reagiram, tentando mudar a face do encontro. Era difícil. Para mais, com o favor do vento, os algarvios desencadearam cerrada ofensiva.

O Olhanense ainda ofereceu aspectos curiosos, em virtude do espírito de batalha dos vencidos. Os tentos da partida dão melhor do que as palavras a maneira como o encontro decorreu.

O 1.º, aos 2 minutos, por Moreira, em troca de passes entre Salvador e Cabrita; o 2.º, aos 13 minutos, por Salvador, aproveitando um passe de Eminência; o 3.º, aos 33 minutos, por Moreira, em recarga; os 4.º e 5.º, respectivamente, aos 35 e 44 minutos, ambos por Cabrita, e de passes de Moreira; o 6.º obtido ao quarto de hora da segunda parte por Eminência, recolhendo passagem de Cabrita; o 7.º, aos 14 minutos, por Cabrita, finalizando um centro de Salvador; e o 8.º, aos 41 minutos, por Moreira, de recarga. A bola do Elvas foi obtida por Massano, de cabeça, aos 18 minutos da segunda parte.

No Olhanense destacaram-se especialmente Moreira, com um dos melhores jogos da sua carreira, e Salvador. Da parte do Elvas há apenas a enaltecer o bom trabalho de Semedo, o guarda-redes.

Olhanense: Abraão, Rodrigues, Nunes, João Santos, Grazina, Loulé,

Moreira, J. Paulo, Cabrita, Salvador e Eminência.

Elvas: Semedo, Campos, Lucas, Alcobia, Rana, Ameixa, Morais, Massano, Patalino, Aleixo e Quim.
Árbitro: Augusto Oliveira Machado, de Lisboa.

Sporting passa no Porto!



grande verdade é a seguinte: o Sporting passou no Porto! Eis a afirmação que deve andar ao de cima de todas as considerações. Mas a maneira

como arrancou os dois pontos da tabela, dando ao resultado o sabor da sorte do jogo, transformou o resultado em desfecho que tem qualquer coisa de magnífica proeza.

E' suficiente para se avaliar as condições em que a vitória foi arrancada o seguinte: tendo acabado a primeira parte com 2-1 favorável aos leões, os portueses conseguiram empatar e crescer, apoderando-se do terreno e da situação. Como decorreu o jogo, grupo que empata, nestas condições, está apto a ganhar. Simplesmente, o rasgo individual de um jogador, o avançado-centro Peyroteo, mudou por completo o desfecho da competição.

O desafio decorreu com alternativas, ora dominando um ora dominando outro, no conhecido retrato de tanto pode ganhar um como outro.

A verdade é que não se poderá afirmar que a vitória não esteja certa. Os leões, de facto, atacaram sempre que puderam, e não cederam quando o adversário foi ou se mostrou superior. Na diferença de trabalho das linhas defensivas deverá residir, no fundo, o segredo do magnífico triunfo lisboeta. Isto é tanto mais notável quanto nos parece certo, à distância em que vemos o desafio, que o Porto exerceu um maior domínio territorial.

Esperava-se que Gomes da Costa desse um novo alento, já que Catolino se conserva afastado dos campos, à linha avançada do Porto. Nos primeiros momentos, assim aconteceu. Mas depressa se viu que o esplêndido jogador não tinha nas pernas a hora e meia. Por outro lado, repisa-se a ideia por verdadeira, Szabo não consegue inspirar confiança ao conjunto, e ainda bem que os portueses já poderão dispor de Barrigana, que terminou a punição no passado domingo.

O Sporting viu-se privado do concurso de Cordeiro, a meio da segunda parte, mas nem isso quebrou o seu ânimo forte.

Manuel Mota define da seguinte forma o encontro: «O resultado premeia, de certo modo, a vontade que os leões puseram na luta. Vontade que nunca cedeu, mesmo quando a pressão dos adversários era maior e o perigo rondava as redes de Azevedo».

Barrosa destacou-se no lado sportinguista. Foi bem um médio-centro que ocorre a todos os lugares e situações, dando segurança ao conjunto.

Porto: Szabo, Alfredo, Camilo, Anjos, Romão, Nano, Lourenço, Araújo, Correia Dias, Gomes da Costa e Joaquim.

Sporting: Azevedo, Cardoso, Manuel Marques, Lourenço, Bar-



Cepela bloca e livra-se de perigo!

rosa, Canário, Armando Ferreira, Cordeiro, Peyroteo, António Marques e Albano.

Árbitro: Augusto Pacheco, de Aveiro.

A vitória dos dois Vitória's...



EFORÇA-NOS mais uma vez a ideia de que não há desafios fáceis. São todos difíceis, os que se jogam no lar como fora de casa, os que se disputam contra

adversários fracos como contra os mais terríveis inimigos. O exemplo de Setúbal é elucidativo.

O Oliveirense apresentou-se nos Arcos com excelente ar. Precaução contra o que lhe tem sucedido de outras vezes, os homens de Aveiro lançaram-se desde o primeiro momento, resolutamente, ao ataque, construindo movimentos de bom desenho. Um rapaz atrevido que lá está, João Tavares, concebeu jogadas de brilho.

Os setubalenses acusaram o toque. Pensando com os seus botões: afinal, este Oliveirense joga mais do que calculávamos...

A' base do conjunto, os de Aveiro desenvolveram bons esquemas. Em contraste, o grupo de Setúbal revelava incapacidade global, no capítulo de ligação, visto médios e avançados não se entenderem. Raramente a bola chegava à jurisdição dos dianteiros em condições de boa utilização.

E deu-se o que era lógico que se desse. O Vitória despertou, e reagiu. Então, o grupo surgiu com os seus méritos, utilizando as conhecidas armas setubalenses de rapidez e do entusiasmo. Nesse período em que o Vitória se impôs, o grupo tomou ascendente, que, de uma forma geral, não mais perdeu. Em todo o caso, o Oliveirense portou-se bem, deixando em Setúbal agradável recordação.

E' possível que, para a quebra dos setubalenses, esteja a contribuir a má forma revelada pelo médio-centro Pina. Tanto mais tendo-se portado excelentemente o trio defensivo.

Os grupos alinharam: **Vitória de Setúbal:** Acácio, Montez, Armando, Pacheco, Pina, Beirão, Campos, Nunes, Rodrigues, Rendas e Cardoso Pereira.

Oliveirense: Teixeira, Henri-

que, Joaquim, Oliveira, Pinho, Eurico, Adelino, João Tavares, Santos, José Tavares e Armando.

Árbitro: Filipe Gameiro, de Lisboa.

Podemos caracterizar o encontro realizado em Guimarães como desafio equilibrado, bem disputado e de nível regular. Os grupos, qualquer deles, jogaram à base de conjunto, cada elemento procurando produzir o mais possível relativamente ao rendimento da máquina, dando movimentos alternados. Talvez que à ofensiva de Guimarães se possa conferir melhor nota, mas em contra-partida é justo salientar a tarefa da defesa conimbricense, principal-

mente de Vasco — que aos poucos readquire a boa forma.

Aconteceu ao Vitória de Guimarães uma coisa que se dá em muitos teams ao dominarem: os seus atacantes deram sempre um passo mais, ou fizeram o compasso de espera suficiente para perderem, num relâmpago, tudo quanto tinham conseguido e realizado. Quando o intervalo chegou, com 1-0 favorável a Guimarães, o resultado era justo.

Os teams construíram o que pode designar-se por futebol rápido, que tão bem quadra ao temperamento português.

Nem chega, por consequência, a admirar que, na segunda parte, os efeitos dessa velocidade se fizessem sentir. Decorreu, assim, monótona a fase de começo da segunda parte. Os avançados da Académica foram aqueles, no entanto, que ameaçaram mais...

Quase à meia hora, o Vitória aumentou o activo para dois goals e tal representou o toque de clarim...

O quarto de hora final, animado, vivo e ardente, transformou-se, porventura, na parte mais interessante do encontro.

As linhas: **Vitória de Guimarães:** Ricoca, Garcia, João, Luciano, Curado, José Maria, Franklin, Miguel, Alexandre, Alcino e Arlindo.

Académica: Vasco, Albino, António Maria, Lomba, Aristides, Brás, Angelo, Garção, Gil, Nana e Lemos.

Árbitro: António Passos, do Porto.

JÚNIORES DA A. F. L.

OS 2 GRUPOS DO BELENENSES

em evidência na 2.ª jornada

O campeonato de júniores da A. F. L. prossegue no último domingo, com a efectivação dos encontros correspondentes à segunda jornada.

Disputaram-se oito desafios — tantos quantos o programa comportava — que decorreram com apreciável interesse e a maior regularidade, tanto mais que os clubes, vencidos as dificuldades da inscrição dos jogadores, apresentaram as equipas completas, à excepção do Marvilense.

Os dois encontros da 1.ª série tiveram os seguintes resultados: **Futebol Benfica-Cascalheira, 0-2; C. U. F.-Sporting A, 0-1.**

O primeiro destes encontros, prejudicado grandemente pelo mau estado do terreno, valeu pouco tecnicamente. A equipa dos benfiquistas foi a que mais acusou essa desvantagem, por ser constituída por elementos de menor compleição física, em relação ao adversário.

Mas independentemente disso, o grupo do Cascalheira joga mais, na melhor aceção da palavra. Por isso a sua vitória é justa.

O encontro entre os vizinhos do Lumiar foi bastante melhor: mais entusiasmo e jogo de melhor quilate. A pobreza do «score» deve-se à «cerimónia» dos dianteiros «leoninos» em rematar às redes contrárias.

Na 2.ª série registaram-se vitórias do Sporting B sobre o Ta-

rajense e do Benfica A sobre o Desportivo Operário. Ambas por 3-0.

As duas equipas vencidas pedem e devem dar-se por satisfeitas com o resultado, visto que os adversários jogaram o suficiente para justifiarem resultados mais amplos. Os «encarnados» pecaram, porém, por deficiência de remate e encontraram pela frente um guarda-redes em dia de boa inspiração.

Na 3.ª série, o Belenenses A venceu o Chelas por 6-1 e o Benfica B venceu o Marvilense por 5-0.

Os resultados são concludentes quanto à superioridade evidenciada pelos grupos vencedores. De resto, não surpreende que tal tenha acontecido, pois tanto os «azuis» como os «encarnados» são equipas de tradições na prova.

Na 4.ª série, também se verificaram resultados que não deixam dúvidas quanto à superioridade dos vencedores. Assim, o Belenenses B venceu o Oeiras por 6-1 e o Estoril bateu o Cascais por 4-1.

A vitória dos «azuis» era já esperada, porque o Oeiras, no domingo anterior, não evidenciara grandes possibilidades. O que surpreende é a derrota expressiva do Cascais, que oito dias antes dera tão boa conta de si.

D. D.

Mirita Casimiro

também poderia ter sido rival de *Conchita Citron*



♦
♦
♦
♦
♦
♦

O público desportivo é, de uma maneira geral, adepto dos espectáculos tauromáquicos. Entusiasma-se com um bom lance, vibra de emoção durante os bons trabalhos de espadas e cavaleiros, levanta-se e aplaude quando a «faena» termina. Gosta que se lhe fale de touros e de toureiros.

Eis porque quisemos hoje pô-lo em contacto com Mirita Casimiro, aquela artista teatral que conta por milhares o número dos seus admiradores, essa Mirita graciosa e simpática, dona de lindíssimos olhos, que sabe brincar com a nossa sensibilidade, emocionando-nos com as suas lágrimas nas cenas dramáticas, ou fazendo-nos rir a perder quando põe em jôgo a faceta alegre do seu temperamento de artista. Embora vos pareça, esta página não será de teatro; nela vos falaremos de touros e de toureiros.

E que, caro leitor, Mirita Casimiro, artista moderna e dinâmica, é uma entusiástica amadora tauromáquica. Ou não fôsse ela neta e filha dos mestres do toureio a cavalo Manuel e José Casimiro! Nas suas artérias corre o mesmo sangue daqueles que, quando queriam, levantavam em aplausos uma praça inteira, com os requintes da sua arte de Marialva.

O seu camarim, no Variedades, é pequenino como ela. Dizemos-lhe ao que vamos: queremos que a popular vedeta nos diga se gostaria de se dedicar ao toureio se não fôsse artista teatral.

Os seus olhos negros, aveludados e grandes, brilham mais quando nos responde prontamente a abrir esta pequenina conversa.

— Gostaria muito de ser a continuadora da arte de meu pai se tivesse nascido de calças e não de saias... E' que não julgo próprio para o meu sexo a arte de tourear. A modalidade é violenta, forte demais para a fragilidade feminina.

E a vincar o seu pensamento a Mirita diz-nos:

— Adoro, no entanto, o espectáculo. Quase me fascina. Não lhe minto se lhe disser que me considero mais toureira de alma do que meu pai e meu avô, se é que é possível ser-se mais toureiro do que eles o foram!

— Já toureou a cavalo, não é verdade Mirita?

— Meramente por graça, sem nenhum sabor profissional nas ganadarias dos amigos da família Casimiro. Também toureei em Viseu, com «tourinhas». Você sabe lá com que entusiasmo eu vivi êsses momentos! O que se sente quando se vê o «bicho» investir e a nossa farpa vai ser colocada como pensamos...

E Mirita Casimiro, contado-nos casos passados que nos convencem do seu amor pela tauromaquia, diz-nos ainda:

— Eu acompanhava meu pai para tôda a parte. Para onde êle ia, ia eu. Era a «mala» mais pequenina da sua bagagem.

— Qual a lide que prefere?

— Como boa portuguesa só compreendo o

toureio a cavalo. De resto, apesar de ter feito com entusiasmo patinação, voleibol, ténis, ciclismo e natação, a equitação é o meu desporto preferido. Comecei a praticá-la bastante nova, como pode ver por estas fotografias.

E Mirita, procura nos albuns religiosamente guardados no seu camarim, fotos de tempos já distantes em que nos surge imponente a cavalo.

Vasco Santana acaba de chegar e com êle um criado traz café, um café que aromatiza o camarim e que nos oferecem gentilmente. Estava finda a entrevista. Vasco sempre o mesmo artista gracioso lamenta não ter feito ginástica como Mirita. — Não seria tão gordo!... — afirma.

A' saída lembrou-nos o nome de Conchita Citron, ídolo dos redondeis, e pensámos que se Mirita quisesse, poderia ser a sua congénere em Portugal. Não lhe faltaria vocação, entusiasmo, valentia, e temperamento. Mas não quis, para bem do teatro português do qual é estrela brilhante e figura de extraordinário relevo.



Mirita Casimiro, alma toureira, numa das suas mais aplaudidas criações teatrais



Antas Teixeira

Mirita, ainda muito jovem, montava a cavalo com requintada elegancia. Esta foto foi tirada no Rio de Janeiro, quando ali acompanhou seu pai, o notável cavaleiro José Casimiro

O ATLETICO GANHOU AO BOAVISTA



Correia, a despeito do resultado expressivo da sua equipa, também foi assediado...



A defesa do Atlético em acção: a bola, entretanto ficou ao alcance de Biti



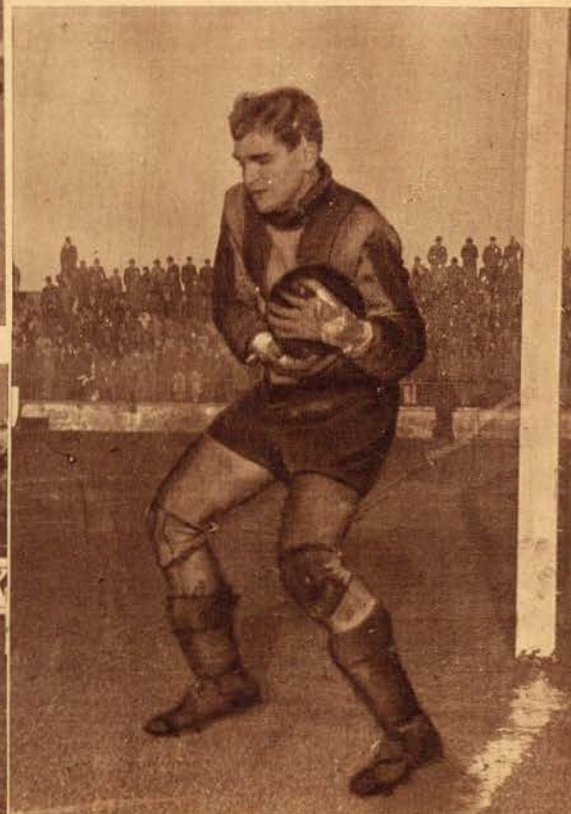
O guarda-redes alcantarenses lança-se decididamente e evita o remate de Barros, F. Lopes e Moraes seguem o trabalho do seu guarda-redes



Outra boa defesa de Correia. Castro Barros e Caia'o seguem os movimentos do guarda-redes



Por entre dois colegas — Oscar defende uma bola a sóco, antes de Micael chegar ao remate



Oscar esperançoso guarda-redes do Boavista, fez quanto podia para evitar a derrota. Aqui o apresentamos numa das suas defesas — homenagem ao seu labor

Comentários...

A Argentina

auxilia o desporto

O governo argentino está prestando às colectividades desportivas do país franco e considerável apoio económico, no sentido de aperfeiçoar e desenvolver as respectivas instalações e, consequentemente, estimular e expandir as práticas desportivas.

A lei que regulamenta a assistência material do Estado às sociedades desportivas, cujo número, 12.345, não é fácil de esquecer, concede facilidades para empréstimos destinados a permitir a construção de terrenos de desporto ou sedes sociais a todas as agremiações que possuam qualquer bem imóvel que responda, embora apenas em princípio, pelo dinheiro adiantado.

As somas a conceder, que podem atingir nível elevado, de muitos milhões de pesos, são depois pagáveis em prestações no longo prazo de trinta anos, sem vencerem qualquer juro; só depois de esgotadas essas três dezenas de anos, o Estado começa a contar um juro módico.

Na cidade de Buenos Aires existem numerosos clubes importantes — em prova basta dizer que os doze clubes da primeira divisão de futebol pertencem todos à área da capital argentina e bairros exteriores — detentores de importantes instalações, para as quais aproveitaram da pródiga comparticipação oficial.

Para melhor ideia do que sejam essas instalações, diremos que o projecto apresentado pelo mais recente candidato a beneficiário abrange o espaço inteiro de um quarteirão com as quatro frentes; em cada das quatro esquinas elevar-se-ão os edifícios sociais, em forma de L, cujas traseiras abraçarão o campo de jogos, instalado na parte central e com lugares para 120.000 pessoas.

Pode parecer exagero a construção de quatro edifícios sociais; o facto explica-se porque estes clubes possuem massas associativas de cinquenta mil indivíduos, para as quais são também sociedades de recreio e instrução, sobretudo locais de dança — a grande paixão dos argentinos — onde depois dos encontros e nas tardes dos dias de semana se reúnem, em animados bailes.

Os clubes argentinos mantêm ainda importante acção educativa porque neles funcionam regularmente numerosos cursos das mais variadas disciplinas ou actividades profissionais.

Competições

entre Portugal e Espanha

A Comissão Permanente de Intercâmbio Desportivo Luso-Espanhol reuniu-se em Madrid por ocasião da visita do delegado português dr. Salazar Carreira, que acompanhou oficialmente a equipa nacional de bilharistas.

Pelas indicações conhecidas posteriormente sabe-se que ficaram estabelecidos em definitivo os encontros internacionais já previstos e, alguns, já firmados, em futebol, atletismo, basquete, remo, vela, «golfe», tiro aos pombo, xadrez e talvez também em natação pura, isto é, excluindo do programa o «water-polo», que há muitos anos se não pratica em competição em Portugal. No hóquei em patins também se deverá estabelecer contacto ibérico, mas apenas em plano de demonstração, com a ida até à Catalunha de um grupo clubista português, pois os nossos vizinhos, que só há pouco tempo começaram praticando este jogo conforme as regras internacionais mandam, receiam com razão grandes cometimentos e apenas pretendem estudar as suas possibilidades e métodos diante de adversário experimentado.

Com semelhante programa de competição, o desporto nacional tem ante si uma época de sérias responsabilidades, para defrontar as quais é preciso trabalhar muito e com larga antecedência. Aos dirigentes compete fiscalizar esta preparação, empenhando nela todos os seus esforços e competência, porque ela representa de facto o verdadeiro objectivo da sua missão.

A política do desporto português, desde que ele passou além das fronteiras, só poderá ser uma política nacional; quanto mais elevados estiverem os problemas para os quais se dirige a atenção dos chefes, mais pequenas e mesquinhas lhes parecem depois as agitações de fermentação interna, que, de outro modo, os absorve, paralisa e arrasta sem quaisquer vantagens, antes prejudicando o interesse superior do desporto onde actuam.

O ano de 1946, ano de iniciação da preparação olímpica, ano de campeonatos europeus e de intenso intercâmbio com a Espanha, pode ser de preciosos estímulo para o nosso desporto.

Pode, e deve, acrescentarmos nós, interpretando aquilo que espera o público do entusiasmo, dedicação e bom senso dos desportistas e dos dirigentes.

Campeonato de Lisboa

A quinta jornada do campeonato regional, que prossegue com animação e regularidade, trouxe consigo uma nota lamentável, que foi a eliminação da equipa do Atlético Clube de Portugal por motivo da sua segunda falta de comparência consecutiva.

O encontro mais importante da jornada travou-se entre o Sporting e «Os Treze», os velhos rivais da modalidade; os «leões» venceram, mas a luta foi áspera e a exibição do grupo bastou para ganhar, mas não teve brilhantismo. A deslocação, em recurso, de Correia para avançado-centro não deu resultado satisfatório e a distribuição dos papéis de marcação pelos componentes da linha média foi pouco conforme às suas atribuições habituais, gerando frequentes confusões, que prejudicavam o rendimento geral da equipa.

O Sporting ainda esta época não conseguia afinar o jogo desde que recebia o reforço valioso de alguns trãsfulgos do Estoril; a presença de Vicente, por exemplo, que devia ser considerável apoio para a eficiência da linha atacante, não tem dado os resultados previstos. No papel, os sportinguistas possuem um grupo forte, mais forte até do que aquele com a qual ganharam o campeonato do ano passado, mas na prática verifica-se o inverso. Há qualquer coisa na arrumação das peças que não deixa a

máquina trabalhar convenientemente.

O Desportivo da «Caf», que comanda a classificação, via-se e desejou-se para ganhar ao Belenenses, que uma semana antes recebera severa punição de «Os Treze»; os «cazes» adoptaram inteligente tática defensiva, jogando só com quatro homens na frente, e os adversários não conseguiram dominar a situação, só nos últimos minutos conseguindo, em lance livre, o ponto da vitória.

O Marvilense também resistiu muito bem ao Benfica, mas não soube manter a calma precisa, e o árbitro teve que dar ordem de expulsão a dois dos seus jogadores, cujo procedimento impensado apenas servia para prejudicar o conjunto. Os rapazes de Marvila, que nos tinham habituado a jogo animoso mas correcto, enveredaram este ano por processos que lhes têm custado caros.

Do cabo do primeiro terço do torneio, percorrido cem por cento vitoriosamente pelo «Caf», dois outros clubes, o Sporting e o Benfica, podem ainda aspirar ao triunfo, pois apenas dois pontos os separam do leader. Vêm-lhes na cola «Os Treze», cujo comportamento é de franco ressurgimento, e o Belenenses.

Na segunda categoria comanda o Sporting, cujo mais próximo rival é o Desportivo da «Caf».

JOSÉ DE EÇA

BASQUETEBOL

O Benfica à cabeça

Belenenses e Atlético em 2.º lugar

O campeonato regional de basquetebol atingiu já a 12.ª jornada. Três clubes podem aspirar ao título: — Benfica, «Caf» e Belenenses.

Este campeonato, por via da luta estabelecida e igualdade de valores, promete um final devesas curioso. Até à última jornada, segundo se nos afigura, estão os grupos em igualdade ou, pelo menos, com pontuação muito aproximada.

Os jogos da jornada da última semana forneceram-nos apenas um encontro renhido entre o Belenenses e o Atlético. Os campeões de Lisboa venceram, mas com muita dificuldade, e apenas por 3 pontos de vantagem: 26-23. Diga-se, entretanto, que não se jogou bem. Gastaram os dois grupos energia a rodos, mas essa qualidade nem de perto nem de longe valorizou a partida.

O conjunto de Belém pareceu-nos menos afinado em relação ao ano findo. Os seus lançamentos ao cesto são agora menos felizes e menos ágeis. O Atlético, por seu lado, — impressionou um pouco mais na primeira fase do

torneio. As suas tentativas de bom jogo, contra o Belenenses, não resultaram.

No jogo anterior, entre o G. D. da «Caf» e o Lisgás, verificou-se a vitória nítida dos campeões nacionais da segunda divisão: 61-31.

O conjunto do Lisgás batalhou com a melhor energia, mas não conseguiu sobrepor-se a um adversário indiscutivelmente mais forte. Neste desafio os cufistas puderam demonstrar boa classe e o seu direito a seguir muito de perto os grupos da vanguarda: — Belenenses, Atlético e Benfica.

Aponta-se, entretanto, a boa reacção do Lisgás na última parte do encontro — que foi sofrível.

Na penúltima jornada, verificaram-se os resultados seguintes: Benfica, 70 — Rio Seco, 10; Carnide, 42 — Algés, 35.

A vitória do Carnide sobre o Algés teve a virtude interessante de empatar os dois adversários na classificação geral. O Rio Seco é irremediavelmente o último. E o Benfica, vitorioso de maneira expressiva, colocou-se à cabeça, com dois pontos de vantagem sobre o Belenenses e o Atlético.

Stadium

principia hoje a publicação de «Biografias Desportivas». Fernando Peyroteo, avançado-centro do «team» de honra do Sporting

Clube de Portugal e, a seguir, José Maria Nicolau, grande ciclista do Benfica — são os primeiros atletas apresentados pela nossa Revista.

Compre «Stadium» e exija a Separata — que lhe será entregue gratuitamente! E arquite, nos restantes números, as nossas «Biografias Desportivas»!

O futebol português **CONTA-GOTAS**

na prova
contra os ingleses

A época internacional de futebol não podia começar de melhor maneira. Os mestres ingleses, jogadores de fama, astros dos clubes profissionais da Primeira Liga inglesa, vêm a Lisboa disputar um encontro com o grupo militar português para fins benemérentes, como já tivemos oportunidade de ecentuar.

Embora já se tenham feito várias tentativas, a verdade é que nunca foi possível pôr de pé um Portugal-Inglaterra, honra já dada aos nossos vizinhos na época do seu apogeu. Por sinal, os espanhóis, conseguindo vencer pela diferença de uma bola o jogo de Madrid, haviam de pagar mais tarde, em Londres, dolorosamente, esse seu belo triunfo. Não sendo um Portugal-Inglaterra, o desafio do próximo dia 17 deve considerar-se um dos melhores jogos internacionais que se têm disputado entre nós, e verdadeiramente digno do encanto do Jemor.

Os ingleses não deslucem a Portugal um qualquer grupo. A seguinte linha diz bem o cuidado posto na organização da equipa:

Guarda-redes: Williams (Wolverhampton).
Defesas: Scott (Arsenal) e Barker (Huddersfield).
Médios: Soo (Leicester), Franklin (Stoke) e Paterson (Glasgow Rangers).
Ancãos: Matthews (Stoke), Carter (Derby) ou Dougall (Birmingham), Fenton (Middlesborough), Brown (Charlton) — o capitão da equipa — e Smith (Aston Villa).

Suplentes: Hobbis (Charlton) e Shepherd (Fulham).
Sabido a média do futebol inglês, pode afirmar-se convictamente que entre este *team* e a selecção inglesa não haverá grandes diferenças. A companhia que vem fazer ao grupo da R. A. F. o secretário geral da Federação Inglesa, o sr. Rons, vinca, por assim dizer, a sua oficialização.

Entre os nomes indicados destaca-se, como grande vedeto, o famoso extremo-direito Matthews, que manobra os médios contrários, segundo se diz, com o sorriso nos lábios... Mas há outros jogadores de grande classe, como Brown, a última revelação; Williams, um guarda-redes excepcional; Barker, o grande pilar do Huddersfield; Soo e Franklin, médios da melhor classe, especialmente o centro; Smith, o veloz extremo do Aston Villa. Todos, afinal, Mestres!

Há o maior dos interesses em ver em acção um tão prodigioso lote de jogadores. De Espanha, mesmo, vêm alguns técnicos assistir ao encontro, entre os quais o nosso conhecido Pedro Escartin, jornalista e árbitro de categoria. Qual será o comportamento da selecção militar portuguesa, composta exclusivamente de militares ainda nas classes de convocação?

Não se sabe, ao certo, como será formado o grupo. O major Ribeiro dos Reis, nosso distinto camarada, encarregado pelo Ministério da Guerra do cargo de seleccionador, segue hoje, à noite, para o Porto a fim de ver o desafio-treino de amanhã entre as duas Selecções, a Nacional e a do Porto.

Taveres da Silva alinhará amanhã os seus valores, de acordo com Ribeiro dos Reis, sobre quem recai a pesada responsabilidade de formar um *team* em escasso mês de observação. Podemos adiantar que o seleccionador nacional tem procurado, visto o jogo com a R. A. F. também servir valiosamente a linha portuguesa, auxiliar a tarefa do próximo dia 17. A avaliar por tudo quanto está delineado, e pondo de parte aqueles elementos que não foram militares ou que já não podem jogar por excederem o limite da idade, o grupo sairá, provavelmente, do seguinte núcleo de elementos: Capelo, Eduardo Santos, Feliciano, Manuel Marques, Vasco, Mateus, Félix, Francisco Ferreira, Barrosa, Moreira (Olanhense), Mário Coelho, Quaresma, Peyroteo, Cebrita, Salvador, Albano e Rogério.

Postos no papel, deste modo, os jogadores, é fácil tirar uma conclusão. Quem a tirar, verá que acertou ou concluirá ter errado apenas em um ou dois pontos.

Sem dúvida alguma, são pela primeira vez chamados a tarefa internacional valores novos, e todos devemos confiar no seu empenho. Tem-se dito e repellido a ideia de que é preciso fazer internacionais, descobrindo e treinando a distância jogadores para substituir os valores que o tempo inexoravelmente vai consumindo. Que melhor oportunidade do que a de agora para dar o grande impulso nesta orientação? Tudo o indica e justifica: a grande importância do jogo, e, ao mesmo tempo, o seu cunho não-oficial...

Os militares portugueses farão um estágio de uma semana na Venda do Pinheiro, assistidos pelo seleccionador Ribeiro dos Reis, pelo professor de ginástica Luís Adão e pelo massagista Marques, todos elementos da Selecção Nacional.

Dada a impossibilidade da deslocação de Capdeville, que deixou de arbitrar esta época, o encontro será dirigido por De Lasalle, conhecido árbitro francês, de Calais. Resta acrescentar que a marcação dos bilhetes atingiu, em pouco tempo, um número muito elevado. O êxito espectacular do encontro da R. A. F. está assegurado. Assim o esteja, igualmente, no aspecto desportivo.

Depois do vendaval — vem a bonança. Os grandes clubes lisboetas já têm novas gerências, e tudo indica que vai seguir-se uma era de paz, que assim é preciso, dada a grandeza dos problemas que agitam e preocupam a vida desses clubes. Basta citar o caso dos campos: o Benfica vai construir um novo parque de jogos; o Sporting ampliará o estádio do Lumiar; e o Belenenses pensa com a devida antecedência no que tem a fazer, tendo nomeado, para o efeito, na última assembleia geral, uma comissão.

Está a bater-se a tecla de que não há jogadores, e de que a falta aumenta de época para época, onde se irá parar por semelhante via, pergunta-se... Ora a verdade é que, como já dissemos, os mais categorizados clubes têm, agora, em actividade, por domingo, cinco grupos (dois de Juniores), ficando ainda de fora, sem alinharem, outros tantos... Dada a falta de jogadores — já não é mau de todo.

Temos a impressão, por algumas notícias que chegaram ao nosso conhecimento, que o entendimento entre a Comissão Central e a Comissão de Lisboa de Arbitros não é tão perfeito como deveria ser. O facto poderá perturbar o movimento da arbitragem.

Quem observar com atenção o campeonato da Segunda Divisão encontra matéria para meditar. Tem-se como certa uma coisa: que a qualidade do futebol torna-se ano a ano mais pura. Na Província começa a saber-se jogar!

CORRE QUE...

As lesões dos jogadores estão a exercer influência no comportamento dos grupos.

✦ Jesus Correia já está a treinar, e Francisco Ferreira encontra-se completamente restabelecido. O caso de Feliciano também parece resolvido: — não há perigo! Mas Gaspar Pinto é que está teado.

✦ Um jogador que vem destacando-se é Salvador, do Olanhense. Caso sério!

✦ A selecção B de Lisboa que defronta o grupo de Évora foi escolhida pelo conselho técnico da Associação de Lisboa.

✦ Serafim, do Boavista, ainda não é militar, embora tenha já sido apurado para o serviço.

✦ A assembleia do Benfica foi impugnada, mas a reclamação morreu à nascença.

Vitoria do SPORTING contra o PORTO

Mas que admirável remate e não menos admirável «goal», contando ainda com um belo lançamento de Azevedo Araujo, o inteligente interior do F. C. P., que não se vê na gravura, dispara como um canhão...



Outra intervenção de Szabo, em bom estilo. Peyroteo é forte ameaça mas Nano está a amparar o seu guarda-réde



Szabo, nável guarda-réde portista, não chegou a tempo. Peyroteo, de cabeça deu à bola o caminho da réde, fazendo o 1.º tento do Sporting. Anjos também nada pôde fazer



Esta bem segura! Mas nas mãos do guarda-réde nacional, apertado por Araújo, Correia Dias e... sob o olhar vigilante de Canário



Azevedo sobe para segurar a bola, carregado por Araújo.— um elemento



Araújo já não pode fazer mais nada. Azevedo lança-se a tempo e Lourenço segue o lance com serenidade

Resumo geral da 8.ª jornada

A oitava jornada da Primeira Divisão — um caso sério! — foi bem um domingo que se destinava a comprometer tudo, embrulhando a classificação geral. Após os noventa minutos da ordem verificaram-se os seguintes resultados:

Benfica 2 — Belenenses 0
Atlético 4 — Boavista 1
Porto 2 — Sporting 3
Olanhense 8 — Elvas 1
Vitória G. 2 — Académica 1
Vitória S. 3 — Oliveirense 1

De uma forma geral — fez-se bom futebol. Os grupos mais categorizados não só puzeram na luta empenho magnífico e esforçado, como conseguiram dar aos seus esquemas de jogo a ideia de ligação e de entendimento das várias células.

Há muito que o jogo individual foi substituído pelo futebol de conjunto. O que não quer dizer que uma figura não resolva — quantas vezes! — e o problema do Porto é significativo, um problema que parece insolúvel...

O Benfica infligiu ao Belenenses a primeira derrota, a por direito de jogo. Provando-se mais uma vez que os benfiquenses são grandes — quando o adversário é de qualidade. Também nos parece indiscutível que o Belenenses atravesse uma leve crise, em obediência à lei a que todos estão sujeitos, a lei de forma.

O Atlético desembaraçou-se com mais facilidade do que aquela que se aguardava do segundo do Porto, que, ainda por cima, teve a desgraça de se ver reduzido a dez unidades. Mas o Boavista não consegue, por mais que faça, dar em Lisboa um ar de graça. Reserva as suas teorias para os associados do clube.

No Porto, em jogo vibrante e de emoção, o Sporting passou, e este passar indica claramente a disposição em que o clube se encontra de dar luta e de recuperar os pontos perdidos em jornadas inglórias. O campeão do Norte, como é de sua tradição, mostra-se adversário à altura do torneio n.º 1.

Falar do Olanhense, do que muitos não querem ver a força, é falar de um grupo que sabe jogar, conjugando as qualidades dos seus componentes. O Elvas foi uma simpática vítima, mas sentiu bem fortemente o poder de um ataque que não perdôa. Os algarvios já perderam a timidez!

Temos também a resistência da Académica em frente do Vitória de Guimarães. Por fim, o bom resultado do *Lanterna-vermelha*, o campeão de Aveiro, em Setúbal, a prova de que o grupo não atravessa o seu melhor instante. Longe disso.

A classificação geral é bem curiosa. O Belenenses mantem-se orgulhosamente no primeiro posto. Já aqui frisamos a luta que lhe estavam a mover os mais categorizados. Reforçamos essas ideias. Há clubes que não se mostram dispostos a deixar-se bater, e seguem atrás do Campeão de Lisboa com raiva de jogo. Na sombra e espreitando as oportunidades!

Sem dúvida, isto dá à maior competição portuguesa o mais vivo dos interesses. A ameaçar os doze pontos belenenses mantem-se três clubes, a um ponto de diferença: Olanhense, Benfica e Sporting. Deve dizer-se que, qualquer deles, revela capacidade suficiente, para ultrapassar o Belenenses. Um deslize dos azuis, e a queda será inevitável.

O Atlético também ainda não perdeu as esperanças. Nem deve perdê-las, pois dois pontos de diferença (dez pontos) não significam nada.

Primeira derrota do BELENENSES

BENFICA venceu por 2-0



Mário Rui é um elástico a jogar. Repare-se na sua posição correcta, em braços e pernas



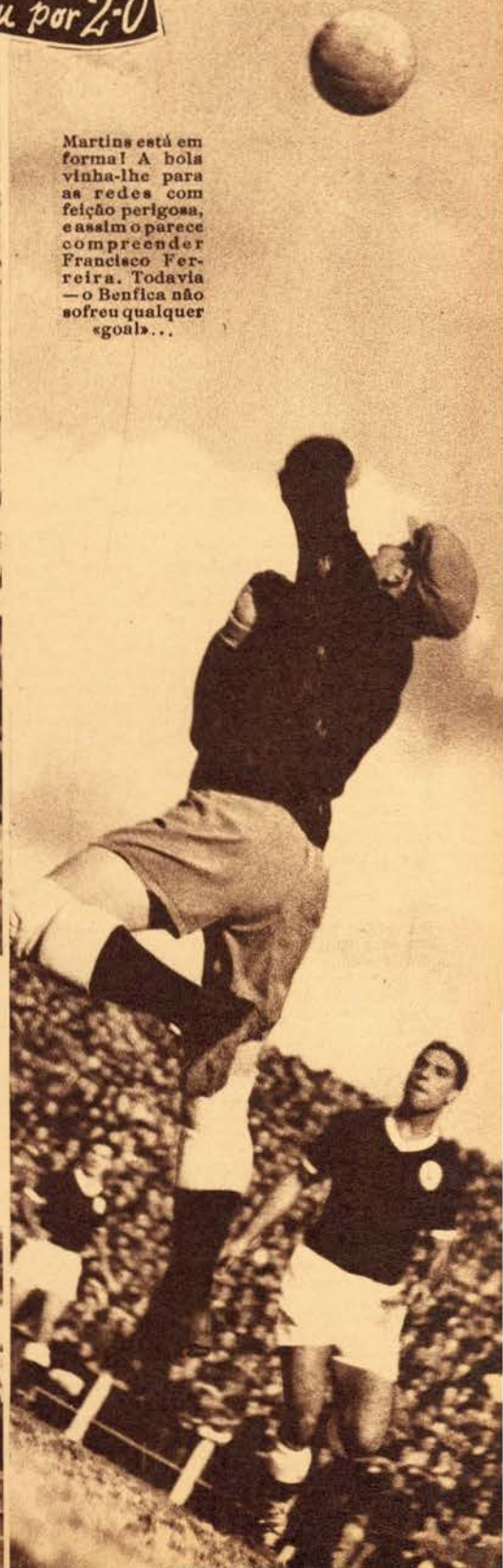
Teixeira, voluntarioso, esteve muitas vezes na defesa. Aqui nos aparece a interromper

Uma das melhores defesas de Capela. Espírito Santo executou um remate forte, depois de dominar Vasco, mas o benenense respondeu da maneira que se vê



A bola passa alto! Claro que Martins, pelo sim e pelo não, sempre levanta o braço

Martins está em forma! A bola vinha-lhe para as redes com feição perigosa, e assim o parece compreender Francisco Ferreira. Todavia — o Benfica não sofreu qualquer «goal»...



A história de alguns troféus

A propósito de uma taça do Sport Conimbricense

evocam-se dois torneios de luta em Coimbra

HÁ clubes grandes e clubes pequenos, quanto à amplitude da obra que realizam no campo desportivo. Uns trabalham mais, e outros menos. Uns têm, nas suas vitrinas, maior número de troféus ganhos, como expressão do seu historial em desportos. Outros contam menos prémios. Mas em todas as colectividades há, sempre, um troféu com significado especial, por ser o primeiro, ou por ser conquistado em condições que se ligam a qualquer facto de importância na vida do clube.

Estes comentários surgiram quando, há meses, visitámos a sede do Sport Clube Conimbricense. A impressão geral desta visita transmitimo-la, aos leitores da «Stadium», numa página evocativa do passado brilhante do Sport. A história da taça ficou, porém, para depois — para esta crónica.

A taça «Cidade de Coimbra»

É o primeiro troféu que o clube instituiu e o primeiro ganho em definitivo, ainda que por falta de ser posto novamente em luta. É o n.º 1 na história. E o significado especial liga-se a duas coisas: às condições de compra e ao êxito que teve nos dois anos em que se disputou.

O Sport Clube Conimbricense foi fundado em 3 de Fevereiro de 1910, com vista à prática e propagação da ginástica e dos desportos de força. A primeira taça demorou a aparecer, mas serviu para organizar um torneio distrital, em luta greco-romana. Data de 1916. E compraram-na num antigo ferro-velho da Lusa-Atenas, no «Favas» da Alta.

Dentro do clube procurou-se, depois, saber de onde poderia ter vindo a taça. E, de pesquisa em pesquisa, encontra, qualquer director ou amigo do Sport, uma fotografia curiosa, no «Mando Ilustrado» de 7 de Julho de 1912, de um aspirante do exército, a cavalo, segurando uma taça que é tal qual a que veio a receber o título de «Cidade de Coimbra». Tem o mesmo feitio, os mesmos contornos, uma tampa idêntica. Corresponde a um primeiro prémio do Concurso Hípico do Bessa, no Porto, disputado no referido ano.

O «Mando Ilustrado» era uma excelente revista portuense de actualidades. O n.º de 7/VII/1912 está guardado, como reliquia, no interior da «Taça Cidade de Coimbra».

Dois inscrições

O troféu em referência tem apenas duas inscrições — vitória da Associação Académica de

Coimbra, em 1916; e vitória do Sport Clube Conimbricense.

Não se tornou a disputar. E a razão deve ser simples. No primeiro ano, logrou o êxito evidente. Mas o segundo ano caracterizou-se pelos protestos levantados. A resolução foi difícil. Teve muito de laboriosa. E a taça passou à história... Para isso deve ter contribuído também a saída do dr. César de Melo para Lisboa.

O dr. César de Melo, campeão magnífico de luta, lutador de classe internacional, representante do país nos Jogos Olímpicos de Estocolmo, em 1912, era um propagandista entusiasta da luta greco-romana. Por onde passava deixava rasto — como atleta e professor da especialidade. E, presentemente, uma das figuras de relevo do Comité Olímpico Português.

O campeonato de 1916

A primeira disputa da «Taça Cidade de Coimbra», instituída para um campeonato distrital de luta, fez-se no dia 9 de Fevereiro de 1916, no Teatro Avenida, que ainda existe em Coimbra, funcionando quase sempre como cinema. A festa foi espectacular. Excedeu, em muito, a expectativa, talvez como resultado da propaganda feita, nos jornais desportivos da época e na «Gazeta de Coimbra».

O dr. José Pontes, na abertura do torneio, fez uma palestra, dizendo, entre outras coisas, que a iniciativa o surpreendera, pela sua amplitude, e elogiando, mercedemente, o valor afirmado pelo dr. César de Melo na luta. Coube ao dr. José Pontes, no festival, o papel de «speaker». Ao torneio presidiu Manuel Igrejas, de Lisboa. E os árbitros foram Ângelo Madeira, do Sport C. C., e Domingos Rodrigues, do Futebol Clube do Porto, ambos antigos campeões nacionais da modalidade. Tomaram parte no campeonato lutadores da Académica, do Sport e da Naval 1.º de Maio.

Nas diversas categorias, apareceram-se os seguintes campeões: **Levíssimos** — Medina (SCC). **Leves** — Urbano Valente (AA). **Médios** — César de Melo (AA). **Pesados** — Pompea Cardoso (AA).

A Académica teve, pois, maior número de vitórias: 3-1. E inscreveu por isso o título na taça, como clube campeão do distrito em 1916.

O torneio de 1917

A segunda edição teve por certo mais propaganda — na imprensa local da especialidade. Disputou-se no Teatro Avenida, com fins beneficentes. 20,000 para o Jardim Escola João de Deus; 20,000 para o Asilo da Mendicidade; e 10,000 a favor do falecido



A taça «Cidade de Coimbra»

poeta João Penha. Distribuíram-se prospectos na cidade. E deles constava a seguinte lista de preços, para os bilhetes:

Camarotes — 0.80 e 0.60; Irlas, 0.80; cadeiras, 0.20; geral, 0.10. A indicação destes preços é uma evocação de melhores tempos... Não sabemos, porém, quais foram os resultados financeiros da iniciativa.

O papel difícil de árbitros coube aos campeões lisboenses Carlos Alberto Simões, já falecido, e António Neves, ambos do Ateneu Comercial. Carlos Alberto Simões, lutador, atleta e ciclista, era, ao tempo, redactor do semanário «Sport Lisboa».

Hoive maior número de atletas, para o mesmo número de clubes concorrentes — Académica, Sport e Naval. A equipa académica apareceu enlaçada com a falta do dr. César de Melo. Na primeira jornada, em 5 de Fevereiro, e pelas diversas categorias registaram-se os seguintes resultados:

Levíssimos A — 1.º Jálilo de Andrade e António Madeira, duas vitórias.

Levíssimos B — 1.º Duarte Mota (SCC), duas vitórias.

Leves — 1.º Ângelo Esteves (SCC), três vitórias.

Médios A — 1.º Francisco Soares Pinto (AA), e Henrique Lebre (SCC), três vitórias.

Pesados — 1.º Ismael Chavas (SCC), duas vitórias.

No final da primeira jornada, a supremacia pertenceu, pois, ao Sport.

A segunda sessão estava marcada para 11 de Fevereiro. Mas parece que não chegou a realizar-se. Como consequência do protesto do público e da Associação Académica, os árbitros abandonaram a função, sem todavia saírem do juri. Na impossibilidade de apianar as dificuldades que surgiram, o juri, reunindo especialmente para o efeito, deu o triunfo colectivo ao Sport Clube Conimbricense, por ter conseguido maior número de vitórias nas diversas categorias.

E por causa dos protestos de 1917 nunca mais se disputou a taça «Cidade de Coimbra», um troféu glorioso, na série que ainda a sede do antigo clube conimbricense.

Mário de Oliveira

RENASCEM EM BRAGA

os «desportos pobres»?

ABORDAMOS, há dias, nestas colunas um assunto que nos parecia oportuníssimo em face do incompreensível esquecimento ou desinteresse, por determinadas actividades desportivas, que era notório nas nossas agremiações da especialidade.

Recordámos, portanto, o muito que se fez no passado e o que era uma triste nulidade no presente. O prestígio desportivo da cidade dos Arcebispos exige alguma coisa mais do que o desporto-rei, não lhe faltando valores para a prática de outras modalidades. Se o futebol é emocionante e tem o poder de eletrizar multidões, há muitas outras modalidades que proporcionam ao espectador e ao praticante beleza, entusiasmo e delírio.

Foi, pois, com viva satisfação, que recebemos a nova das diligências levadas a cabo pela Direcção do Sporting de Braga no sentido de concorrer às provas de atletismo da próxima temporada, tendo-se, segundo parece, já assegurado o concurso de alguns atletas que, pelo seu passado desportivo, são garantia segura de bem ser honrada a camisola «Braga». Registamos gostosamente a notícia, pois ela vem de encontro ao que sobre o assunto já tínhamos dito.

Também o Académico B. Clube vai prosseguir a obra a que, com tanto carinho, vem devotando-se e pela qual já muito, mesmo muito, tem feito.

Este simpático clube de novos, feito por novos cheios de vontade, merece especial referência, pois, sendo pequeno, praticamente sem sócios, vive do esforço único de meia dúzia dos seus amigos, que, com grandes sacrifícios, têm procurado não deixar «morrer» aquilo que criaram. Tem sido o Académico o clube que nos últimos anos tem representado o nome de Braga nas festas atléticas do país. Este facto, só por si, torna-o credor da atenção da Câmara local, que, sem favor, devia estabelecer ao A. B. C. um subsídio compensador e visível. Seria um acto de inteira justiça para com a pequena meia dúzia de rapazes baírristas, que, com tal despreendimento pelas suas comodidades, vêm dando vida a uma colectividade que muito tem feito pela prática do atletismo em Braga. Que continuam sempre com a mesma fé e um dia orgulhar-se-ão da sua obra.

Não seria esta oportunidade propícia a que a Câmara despretasse a vontade pela prática dos «desportos pobres» aos atletas da cidade, auxiliando, financeiramente, a causa? Nunca a ocasião foi tão oportuna, uma vez que Braga vai ter um belo Estádio. Não seremos dignos dele se não tivermos atletas que o utilizem. Têm a palavra os clubes... trabalhando e a Câmara... auxiliando-os. Mãos à obra, que o Estádio não «vem» longe.

Benigno da Cruz

Stadium

NOTA DA SEMANA

VEM a Lisboa brevemente, incorporado no «onze» da Força Real Aérea, o mais modesto futebolista inglês, que, no dizer dos próprios britânicos, é a melhor atracção de uma bilheteira: Stanley Matthews.

Trata-se de um jogador invulgar, tão apreciado que a sua figura merece ser aqui delineada e posta em foco. Conquistou, há poucos dias, na relva do Estádio de Wembley, um troféu único, que foi o de representar o país pela 44.ª vez, desbancando do lugar de recordista o antigo back do Arsenal e famoso capitão do team de Inglaterra Eddie Hapgood.

Matthews exibiu-se contra os belgas de maneira maravilhosa. Tem um modo de conduzir a bola que faz cabelos brancos aos «defesas» do campo oposto. Por ironia do Destino possui uns pés pequenitíssimos, de criança. Bastam-lhe esses escassos dezasseis centímetros, medidos do calcanhar à ponta dos dedos, para conduzir a bola com a celeridade inconcebível do relâmpago. Se houvesse nascido em Espanha traria consigo cognomes bombásticos e hiperbólicos. Seria, talvez, o Monstro, o Feiticeiro ou a Bomba Atómica do Esférico... Em Inglaterra é, apenas, Matthews...

Principiou a vida como mandarete nos escritórios do Stoke City Futebol Clube. Desde então cresceu pouco, fixando-se a sua estatura em 1,70 metro e pesando escassos 70 quilos. Visto de perto é estreito de ombros, de feições inexpressivas e calmas — cara de jogador de poker — e só as pernas fortemente musculadas denotam vigor.

Parado e guardando a bola parece marreco; em movimento, oscila sobre ambos os pés de maneira desleante e curiosa. A bola avança embrulhada nas botas, sem domínio nem arte aparentes. Mas, na ocasião em que o adversário vai até ele para lhe tirar, e no preciso momento em que Matthews lhe oferece, escapa-se com presteza inigualável para fora do alcance. Faz isto dez, vinte vezes e atira à baliza ou passa ao centro como mestre. Uma das suas proezas mais fatadas foi ter marcado 10 tentos num desafio inter-escolar jogando a... médio-centro.

Discute-se hoje, bastante, se Matthews é ou não é o mais distinto futebolista de todos os tempos.

Billy Meredith, o melhor «pontão» das passadas gerações, declara sem reboço que Matthews nunca teve outro igual no jogo da bola. Acusam-no de egoísta, de possuir estilo heterodoxo e sem brilho, mas no dia em que pediu ao clube a sua transferência, organizou-se um comício público em Stoke, de protesto, para obstar a essa decisão.

Eis, a largos traços, a figura do famoso componente do team da RAF.

Rafael Barradas

a vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

FUTEBOL

Ainda o Bélgica-Inglaterra

A vitória dos ingleses sobre os belgas por 2-0, num dia brumoso e frio, convenceu o público do mérito actual dos britânicos. Tanto Billy Wright como Pye jogaram à maneira de veteranos. A um minuto do apito inicial Brown passou a Lawton e este a Pye, que disparou forte sobre o guarda-redes belga. Passado pouco tempo, Lawton faliu de cabeça, roçando a bola pelo poste, e Mercer, a 3 metros, chutou fraco.

Aos 12 minutos Wright fez um passe longo a Brown, que capeou dois contrários e chutou imparavelmente. Aos 20 minutos veio o goal perfeito: um centro de Matthews, passe cruzado para Lawton, que endossa a Pye e este atira a um canto da baliza.

Depois, foram setenta minutos de belo trabalho e preciosas defesas do guarda-redes belga, Daenen.

O onze visitante deixou óptima impressão.

A Escócia empata com a Bélgica

EM Hampden Park, Glasgow, e na presença de 49 mil pessoas, o onze nacional belga conseguiu um empate a duas bolas contra o onze escocês. A exibição dos jogadores visitantes foi lar-

TÊNIS

A Taça Davis para 1946

HA onze nações inscritas para disputar a celebrada e horrenda saladeira, conhecida por Davis Cup, em 1946. Calcula-se que os jogos finais se travem em Dezembro do corrente ano na cidade de Melbourne.

Numa entrevista concedida recentemente, o capitão da equipa australiana, Hopman, declarou que os jogadores americanos são favoritos nas provas eliminatórias.

«A Inglaterra», continuou Hopman, «está enfraquecida; a França, com Bernard, Petra e Destremaux, tem grandes probabilidades, igualmente. Os Estados Unidos, porém, possuem em Frank Parker e Jack Kramer dois «ases» em condições de vencer qualquer resistência».

Assim falou o eminente tenista dos antípodas, mas em Inglaterra o optimismo por uma final Austrália-Inglaterra continua sendo inabalável.

RUGBY

A Inglaterra vence Gales...

A vitória da quinze inglês sobre Gales por 25 pontos a 13, depois de ter conseguido um avanço de 21 pontos na primeira parte do desafio, facto sem precedentes na história dos encontros entre as duas nações, foi produto do trabalho magistral da linha dianteira.

Chefiados por Vaughan, os avançados ingleses marcaram um ensaio a 10 minutos do início e desde aí acumularam o seu avanço, anulando o trabalho dos tres-quartos adversos.

... e a Escócia os Kiwis

A PÓS homérica luta, os jogadores militares novizelandeses perderam ante o quinze escocês por 11 pontos a 6. O grupo da Escócia jogou muito ligado e empregou precisamente a tática exibida e praticada pelos adversários: rompimentos bruscos e dispersão de jogadores após a melée. A vitória foi produto de inteligência tática e técnica.

NATAÇÃO

O campeão espanhol Manolo Martinez retira-se

O campeão espanhol de natacão, Manolo Martinez, recordista nacional no país vizinho, retira-se da actividade.

Os aficionados de Castela, como os de toda a Espanha, que Manolo Martinez defendeu com extraordinário entusiasmo, lamentam a sua retirada. Martinez, porém, não cedeu a solicitações e resolveu abandonar definitivamente.

Martinez é ainda considerado um autêntico ás. Os seus recordes de 200, 400, 800, 1.000 e 1.500 metros-livres continuam de pé.

BOXE

Dupla vitória inglesa em meio-médios e levíssimos

A PESAR de assobiada pelo público, a decisão do combate recentemente travado entre o inglês Artur Danahar e o campeão de França Omar Konidri, no Albert Hall de Londres, parece ter sido justa. O vencedor esgrimiou com prudência durante dez assaltos, anulando as investidas do argelino. O seu melhor golpe foi o directo do punho esquerdo, mas o combate não teve o brilho

do antecedente, ganho por Konidri.

Na mesma velada o pequeno francês Jean Jonas foi derrotado por Gus Foran, de Liverpool.

Dum lado e do outro, grande capacidade ofensiva, mas débil sagacidade na defesa. Jonas provou ter uma excelente esquerda, mas encaixa a maioria dos socos com a cara, sem se preocupar com a defesa.

Eric Boon, ex-campeão dos leves, jogando agora nos meio-médios, pôs K-O ao 2.º assalto o irlandês Paddy Bergin.

O VITORIA de Setubal teve dificuldades com o OLIVEIRENSE



O 1.º grupo do Oliveirense, que no ultimo domingo dificultou o trabalho dos setubalenses



Teixeira lança-se bem e defende o remate de Nunes



Cardoso e Henrique lutam pela posse da bola e Teixeira mergulha de longe para anular o perigo



Uma defesa executada por Acácio com segurança



O guarda-redes elvense lança-se aos pés de Cabrita.



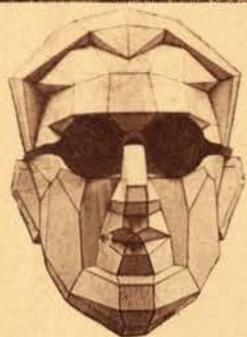
Com a bola bem segura, Semedo foge ao ataque de Joaquim Paulo



Cabrita a despeito do mergulho do guarda-redes elvense, marca um dos golos da sua equipa.



Moreira escapa-se a um adversário e marca um novo tento do seu clube



**GIL
OCULISTA**

FUNDADA EM 1885
Deposítaria das lentes "ZEISS"
Binóculos, Termómetros
Bússolas de marcha, etc.
Aparelhos de Precisão
139, RUA DA PRATA, 140

MANUEL MARQUES

Conta-nos a historia interessante do seu lenço...



Manuel Marques, embora a de baixo, esteve a contestar o Jean do Marques de Pombal. «Cariciss» entre leões, lá se vê...

que nos vi no 1.º «team», alinhna o posto que prefere e onde melhor e de médio não lhe agradaram; especial tante que lhe fazia Francisco Ferreira...

- E sente-se bem acompanhado pelo seu colega da direita?
- Entendo-me excelentemente com Cardoso — que outro companheiro não contei neste lugar. Falamos do Sporting.
- Nunca pensci, nem penso, em mudar de camisola. E manda a verdade dizer que o ambiente é magnífico. Entre nós, os jogadores, há a melhor camaradagem, e os elementos directivos têm acompanhado muito bem o grupo. Refiro-me especialmente à direcção que agora terminou o seu mandato. A secção de futebol fica-lhes devendo grande interesse e bons cuidados — e o mesmo há-de suceder com os «leões» que agora vão dirigir o meu clube.
- Parece-lhe que o Sporting está com possibilidades de êxito, esta época?
- O Sporting é um grupo forte, que por vezes peca por excesso de confiança, mas que tem conjunto bom e poder de recuperação. A prova disto está no último jogo com o Benfica. Nenhum de nós se impressionou com os três tentos dos encarnados e quando saímos do balneário, após o descanso, tínhamos trocado entre nós esta ordem: — Temos de ganhar!

— E porque não impuzeram essa ordem com o Boavista, por exemplo?

— Esse jogo, como mais alguns nesse género, bem poderiam constituir uma lição. Trata-se, como digo, do tal excesso de confiança... Alcançámos um «goal» a nosso favor contra um «team» que se considera fraco, e entrámos a fazer jogo descansado, na ideia de que, pouco depois, outro e outro tento iriam dizer no marcador a nossa superioridade! Mas em dado momento, a «chance» prega-nos uma partidinha e nós, muito melhores, já não temos tempo de impor a nossa vontade... O apito do árbitro avisa-nos que chegaram os 90 minutos de jogo, e os «goals» que pensavamos enfiar nas rédes do adversário, perderam-se em «shoots» muito altos... Mas o Sporting está neste momento em bom terreno. Não se esqueça que o «team» tem tido diversas falhas na sua formação. Agora, com o regresso de Jesus Correia melhor se recompõe o grupo.

«Manecas» tem uma forma interessante de expor as suas considerações sobre questões de futebol. Aproveitamos-lhe a disposição, pedindo-lhe que nos dê a sua opinião sobre o futebol do seu tempo e este que hoje se desenvolve nos campos de jogo.

— No jogo de marcação, o futebol era talvez mais alegre; pelo menos tinha jogadas de mais

O MANUEL MARQUES — o popular «Manecas» do grupo de honra do Sporting — aparece hoje aos leitores da *Stadium* através de uma conversa amena, travada ao cimo da Avenida da Liberdade, sob as vistas de um outro «leão», pezado e corpolento — aquêlê que está junto ao histórico Marquês de Pombal, no monumento que domina Lisboa, desde a Rotunda até aos montes da outra margem do Tejo.

Manuel Marques sorridente e bem disposto como sempre, deixa de bom grado que lhe «cortemos o passo». E a conversa desenvolveu-se. Naturalmente. Sem complicações.

O «Manecas» tem um passado futebolístico muito simples.

Em 1932, tinha então 15 anos, jogava no D. Sportivo do Campo Grande, e não sabe bem como envergou certo dia a camisola do Sporting, alinhando no grupo infantil. E até hoje! A chegada ao grupo de honra foi rápida. Uns jogos na 3.ª categoria, depois na reserva e, como prova final, 20 minutos de jogo no desafio do Sporting com uma selecção do Brasil sltu. Actualmente tem 10 anos de actividade do quasi sempre no lugar de defesa esquerdo, se sente. A sua passagem pelos lugares de interesse neste posto, enervava-o a barreira constante.

— Além disso — diz-nos — é no lugar de



Ca temos Manuel Marques em jogo! Contra o Atlético Aviacion, intercepta uma bola alta, não fosse Azevedo sofrer algum ponto. Distingue-se nitidamente o famoso lenço do «Manecas»...



Depois de sair do emprego — Manuel Marques vai sempre engaxar os sapatos. E o garoto, — diz-nos — não deixa com perguntas

(Continua na pág. 15)

FERNANDO SÀ

na capital do NORTE

MOSAICOS nortenhos...

CORREIA DIAS, felizmente, não sofreu a fractura de um pé, conforme chegou a noticiar-se. O correcto avançado centro do F. C. do Porto magoou-se na verdade, em Elvas, chegando mesmo a fazer-se uma radiografia — mas sem conclusão de maior.

Ainda bem. Correia Dias já foi suficientemente sacrificado, no ano findo.

♦ ENTUSIASMAM-SE justamente os adeptos do Boavista, que já provou haver merecido a sua indicação. E nós a lembrarmos nos que esteve em perigo o segundo classificado portuense!...

♦ OS SETUBALENSES tiveram a honra de marcar no Porto, neste campeonato, a primeira bola ao Boavista — embora de grande penalidade.

Prova-se, desta maneira, que o Boavista possui boa equipa à defesa e ao ataque. Falta ao grupo, possivelmente, fundo para jogos fora. Mas isso veremos nós em futuras jornadas...

♦ A SELECÇÃO portuense jogará amanhã, contra o grupo nacional, no Estádio do Limão. Vão faltar alguns jogadores de boa categoria, e é pena que assim suceda.

Os portuenses, já agora, pedem que não se inutilize mais algum...

♦ AGUARDA-SE que o sr. Ministro das Obras Públicas visite a cidade do Porto, a fim de se dar impulso maior à questão do Estádio do F. C. do Porto. Os desportistas da capital do Norte, ou, melhor, os adeptos do clube azul branco, sem oportunidade para vibrar com as acções do seu grupo de honra — entusiasmar-se-iam, com certeza, se o «seu caso» fosse resolvido com prontidão.

♦ GOMES DA COSTA reapareceu — finalmente. Claro — no «team» do F. C. do Porto, desmentindo todos os boatos que o davam no Benfica.

Confirmaram-se as palavras transmitidas para a «Stadium», numa altura em que se geranta o ingresso de Gomes da Costa no clube encarnado lisboeta: «Ou não jogarei ou, se o fizer — será novamente no F. C. do Porto».

♦ NÃO jogarem ainda contra o Sporting: Barrigana, Vítor Guilhar e Catolino. Como se sabe — trata-se de três boas pedras, das melhores de uma equipa. Os portuenses ficaram surpreendidos com a ausência de Catolino, e muito mais por saberem que não reapareceu por motivos estranhos à sua vontade e do seu clube.

Instalações desportivas e modalidades pobres

Os principais clubes da cidade preocupam-se bastante, como já se tem dito, com as modalidades pobres.

Sport Clube do Porto, F. C. do Porto, Académico, Boavista, Leixões, Vigorosa, Salgueiros, Vilanovense — e até os mais modestos, como o Gaia, Leça, Académica de Campanhã, e de Espinho, L'air Liquide, Portuense e Desporto, Fontainhas, Infante de Sagres, Desportivo do Porto e de Portugal, Ramaldense, Guifões e muitos mais, possuem excelentes equipas de basquete, de andebol e de hóquei em campo e em patins, de voleibol, etc. Logo, na cidade do Porto trabalha-se com muito entusiasmo, domingo a domingo — dia a dia.

No entanto, a falta de instalações é cada vez mais acentuada e ingrata. Assim como a falta de quem ajude os grandes e os pequenos. Isto tem de lamentar-se sinceramente.

Quem percorrer aos domingos os campos de jogos encontrará centenas de pessoas a assistir aos mais variados encontros. Mas em qualquer dos campos utilizados faltam comodidades de toda a natureza. E porque são poucos os terrenos e nada adaptáveis a várias modalidades as instalações existentes — nota-se uma sensível falta de progresso.

Exceptuaremos o basquete, que tem trabalhado e destruído as dificuldades provenientes da ausência de terrenos e também de alojamentos para o público. Lamentam-se apenas que tão útil modalidade viva um pouco em regime de «especial simpatia» por um dos clubes baluartes. A imprensa

tange apenas louvores a determinado sector onde o basquete se pratica de facto bem, e isso nos parece atrofiador e aborrecido para os clubes que não têm por si o aplauso das gentes encarregadas de crítica ao seu esforço — tão digno e bem intencionado como o dos clubes de «candeia acesa».

Adiante. O andebol perde virtudes e aquele poder de outras épocas. A disciplina também não se impõe, de alto para baixo como nos campos e nas arbitragens. Terá a crítica, boa e bem disposta a corrigir defeitos, que encontrar o remédio, a fim de se evitar o afundamento geral do desporto que mais contribuiu para impor, pelo número de campeonatos nacionais, a segunda cidade desportiva do país.

Vê-se que o hóquei em campo portuense não tem melhorado tecnicamente. Todavia, o hóquei goza da simpatia dos clubes e dos praticantes, centenas de rapazes bem desportistas e bem dedicados.

A luta tem sido renhida, e aqui se deve dizer que a crítica do Porto contribuiu muitíssimo para o pé de igualdade até agora verificado.

Os clubes precisam de ser acarinados por igual, sem os especiais conceitos da filosofia desportiva, que cheira a muita parcialidade, e pode afirmar-se que tem havido no hóquei essa boa sorte pela sua banda.

Eis, em ligeiras pinceladas, o que nos deixa ver o actual momento das modalidades que seguem o seu campeonato: basquete, andebol e hóquei em campo. Aguardaremos os restantes.

TODOS OS DESPORTOS

Andebol

O campeonato regional de andebol ofereceu-nos mais uma jornada e algumas surpresas. Este, por exemplo: o empate de 4-4 entre o Salgueiros e Estrela e Vigorosa, que passa por ser o melhor grupo da cidade, no actual momento.

O F. C. do Porto também não conseguiu vitória folgada, contra o Leça: 5-4.

O Desportivo de Portugal e o Fontainhas empataram igualmente por 4-4 e só o Vilanovense ganhou por 8-5, ao Ferrolvidrio,

Basquetebol

JORNADA fraca esta do último domingo. Os mais bem classificados continuam a ser o Vasco da Gama e o F. C. do Porto, e de novo afirmamos, por ser verdade, que a Federação não anulou, pelo menos até agora, o jogo de ambos os grupos na primeira volta.

Anote-se, na última jornada, o fraco resultado do Académico: 30-27 contra o Gaia, e a derrota do Vilanovense perante grupo fraco — o Portuense. Os gaieses foram derrotados por 41-21.

UM ATLETA e DIRIGENTE portuense



António Cardoso é bem um desportista de «primeira água». No Clube Fluvial Portuense, sua agremiação de sempre, conseguiu o nosso aprestado de hoje marcar uma posição de relevo: — como atleta e como dirigente.

António Cardoso principiou no Fluvial como jogador de basquete. Dos primeiros jogadores portugueses da modalidade. Por via do seu esforço e admirável persistência, dedicou-se-lhe um torneio, com taça rubricada pelo seu nome, e a ele concorreram as equipas mais bem classificadas da cidade.

Foi célebre, nessa altura, o duelo Fluvial-Porto-Acemisa.

Depois do basquete — António Cardoso dedicou-se aos desportos do rio. Nas várias tripulações do Fluvial, salienta-se ainda hoje. Ajudou a conquistar vários campeonatos de remo, regionais e nacionais, assim como grande número de troféus.

Além da sua posição de atleta, António Cardoso tem dirigido várias secções da sua colectividade. O velho clube da beira-rio deixa-se dirigir constantemente por antigos praticantes. António Cardoso, José Diogo, Moisés Cardoso, Custódio Pereira e outros são disso flagrante exemplo. E, em boa verdade, ninguém melhor do que eles para conduzir a mais velha colectividade portuense.

Agora que António Cardoso já não pode prestar, tão assiduamente como desejaría, os seus serviços de antigo praticante, deve aguardar-se boa aplicação do seu esforço quando na situação de dirigente.

Os clubes precisam de quem compreenda os seus desejos de progresso. Os seus propósitos de trabalhar devotadamente. António Cardoso, pelo seu passado de atleta, tem de recordar-se nesta altura dentro das qualidades que se lhe reconhecem: — as de dirigir e ser dirigido.

MANUEL MARQUES

(Continuação da página 13)

vivacidade. Era um jogo que dava margem para um jogador brilhar.

Hoje, com o actual sistema de «posição», é preciso que se tenham grandes qualidades para se aparecer ao de cima. Todos nós nos apagamos, assim, uns mais, outros menos. É preciso uma excepcional habilidade para, ao mesmo tempo, se tomar conta do prisioneiro e podermos lagir no adversário que constantemente se nos agarra. E repare-se que este sistema, sendo bem delineado por dois grupos, não dá nunca muitos «goals». Deve ser até um dos grandes entraves que vamos opor ao *team* da R. A. F. O nosso jogo de posição deve surpreendê-los...

Continuamos a falar de futebol. Mesmo foi para isso que procurámos Manuel Marques.

— Actualmente, qual o grupo que lhe parece mais difícil?

— O Belenenses. Os nossos avançados têm sempre dificuldade em transpor o terreno de Amaro e logo a seguir a «muralha».

— Como jogador, qual a fase de futebol que mais aprecia?

— Uma boa «vançada», com todos os elementos em movimento de bom ataque.

— Como defesa, qual a jogada que lhe mais perigosa?

— Aquela em que um jogador adversário, depois de ter passado o meu «half», faz uma passagem em boa condição ao extremo.

— Qual o avançado que lhe tem sido mais difícil?

— Arnaldo Carneiro. Nenhum outro como o *cufista* me tem dado tanto que fazer. As situações de maior perigo que tenho em jogo são as que me põem em

contacto com Arnaldo Carneiro. Ágil, enérgico, bom saltador — um perigo...

— De jogadores adversários, quais os que mais aprecia?

— Não esquecendo Artur de Sousa, o grande *Pinga*. — Feliciano. Há um novo que me tem agradado — Arsénio.

— Se fôr seleccionado, como encara essa escolha?

— Com satisfação, é claro, mas com perfeito «à vontade».

Desde que tínhamos entabulado esta conversa com Manuel Marques que desejávamos fazer-lhe uma pergunta. A curiosidade era um pouco nossa, mas também, se a passemos a claro, iríamos por certo satisfazer a curiosidade de muitos dos que vão à bola. E o caso tem andado sempre rodeado de certo mistério.

Porque será que Manuel Marques traz sempre na cintura um lenço branco? Qual a utilidade, se nunca se serve dele?

«Manecas» mostrou desejo de mais uma vez manter o segredo do lenço. Mas honrou-nos, por fim, com a história. E contou-a com certa emoção. Não esperávamos que aquele lenço branco tivesse tão amoroso significado!

A mãe de Manuel Marques interessava-se pelo futebol, já que esse é o grande prazer do seu filho. Desde que o «Manecas» andou aos «shoots» no Desportivo do Campo Grande, que a mãe o ajudava sempre na defesa desse desejo — jogar a bola. O pai não estava de acordo, mas o «Manecas» foi jogando, apoiado na vontade materna, sempre pronta a deitar água na fervura.

Um dia, porém — já jogador no Sporting — uma queda mais violenta magoou-o nam joelho. Chegou a casa com ferida de mau aspecto e a mãe apouquentou-se. Claro que o percalço não chegou para que o afastassem do jogo, mas a mãe do «Manecas», carinhosa e providente, obrigou o filho a levar consigo, sempre que ia jogar, um lenço muito branco e engomado, para que, na hipótese de um acidente, o seu «Manecas» tivesse logo à mão com que se guardar o sangue. Ela mesmo lhe deu a ideia de o trazer dependurado no calção. E assim tem sido.

Manuel Marques, que passou a usar o lenço como amoroso *talisman*, nunca dele se serve, mesmo que de tal haja necessidade. Uma das suas preocupações consiste até em não sujar esse lenço branco com um M. bordado a verde, que no primeiro jogo de cada época a sua mãe lhe oferece, a substituir o da época anterior, que é cuidadosamente arrumado como reliquia junto dos outros que pelos anos fora tem usado.

Está desvendado o mistério do lenço de Manuel Marques, que ainda nos confidencia da sua superstição: — Entrar em último lugar no campo de jogo e, assim que dá o primeiro passo no terreno, apanhar um bocado de relva ou de terra, conforme o campo, e esfregar as mãos.

Assim nos divulgou Manuel Marques as suas impressões de jogador da bola, e as suas confidências e superstições...

Fernando Sá

Os Torneios

da Mocidade Portuguesa

Os torneios da «Mocidade Portuguesa», pela forma como estão decorrendo, merecem, sem favor, o carinho de todos quantos se interessam pelo revigoração da juventude.

Com toda a regularidade — prova eloquente de cuidada organização — os torneios prosseguem com entusiasmo notável. Esse entusiasmo e essa vibração não excluem, porém, a disciplina, a correcção e o aprumo desportivos. Faz bem realizar, tanto quanto possível, uma «tournée» pelos diversos jogos disputados pelos rapazes da «M. P.». Respira-se uma atmosfera diferente. É a ideia educativa ressaltada facilmente, e atinge plenamente os seus fins.

Das jornadas de sabado e domingo, o balanço é francamente positivo. Mesmo até nos encontros onde houve deslize de forças, registaram-se motivos de interesse.

Nos jogos de futebol, o Liceu de Camões, o Colégio Académico e o Colégio Militar estiveram em evidência, como vencedores folgados que foram, respectivamente, da Escola Nacional, da Escola Machado de Castro e da Escola Ferreira Borges.

Técnicamente, a turma dos rapazes da Luz mereceu-nos a mais apetrechada, se bem que é ainda cedo para fazer prognósticos.

O elenco do Liceu de Pedro Nunes sustentou com a equipa do Centro da Quinta da Calçada luta rija e dinâmica, tendo o triunfo pertencido aos «liceus» por dois tentos sem resposta.

O encontro mais equilibrado da jornada disputou-se entre o Instituto de Sidónio Pais e a Escola de Afonso Domingues. Venceram os primeiros, por 1-0 — resultado que traduz fielmente a marcha do encontro.

17 jogos de voleibol

O campeonato de voleibol da Ala 2 prossegue, também, dentro das suas já tradicionais características: muita gente a jogar. Daí resulta um acentuado espírito de emulação, que, de ano para ano, mais se acentua. Nos jogos de domingo, que abrangiam centros escolares e extra-escolares, começaram já algumas turmas a evidenciar-se. Estão nesse caso os representantes do Liceu de Pedro Nunes e do Centro da Mitra, entre os «catedes»; os rapazes do Passos Manuel e do Pedro Nunes marcaram boa posição entre os «van-guardistas»; e na série que agrupa as escolas particulares, merecem referência especial a Escola Académica, Escola Manuel Bernardes, Escola Nacional, Colégio Moderno, Escola Francesa, Escola Lusitânia, Escola Portugal e Escola Valassina — bons vencedores, nesta segunda saída do torneio deste ano.

Entretanto, aguardemos as jornadas subsequentes. Pela forma como elas decorrerem, novas e mais seguras opiniões se poderão emitir acerca do valor e possibilidades dos diferentes concorrentes.

Abreu Torres

Oito «teams» sem derrotas

no Campeonato Nacional

O campeonato nacional da segunda divisão ofereceu-nos no ultimo domingo nova jornada interessante.

Vejamos, antes de mais nada, os resultados, série por série:

Grupo A — Série 1: — União Paredes-Sporting Fafe, 1-4; Sporting Braga-Avintes, 6-1; Vila Real-Leixões, 2-2.

Série 2: — Maximinense-Ramalense, 0-4; Ermesinde-Infesta, 2-0; Famacão-Candal, 9-1.

Série 3: — Académico Porto-Coimbrões, 3-1; Gil Vicente-Aves, 3-2; Vianense-Salgueiros, 2-2.

Série 4: — Ovarense-Sporting Espinho, 5-0; Leça-Progresso, 4-3; União Lamas-Vilanovense, 2-1.

Grupo B — Série 5: — Académico Viseu-Sanjoanense, 3-3; União Coimbra-Beira Mar, 12-2.

Série 6: — Sport-Marinhense, 2-3; Naval-Lusitânia, 3-2.

Série 7: — Nazarenos-Futebol Benfica, 2-2; Operário Vilafranquense-Alhandra, 5-1; Alcobaça-Ferrovários, 1-2.

Série 8: — Peniche-Mineiros, 2-1; Matrena-Alcanenense, 1-0.

Grupo C — Série 9: — Leões Santarém-União Operária, 2-2; C. U. F.-Bombarralense, 8-1; Estoril-Chelas, 9-0.

Série 10: — Ginásio Cacilhas-Almada, 3-0; Lisboa Olivais-Marvilense, 3-4; Casa Pia A. C.-Seixal, 3-1.

Série 11: — Operário-Barreirense, 0-0; Fósforos-Sacavenense, 7-0; Monte Caparica-Palmeleense, 1-1.

Série 12: — Aldegalense-Luso Barreiro, 1-1; Lusitano Évora-C. U. F. Barreiro, 0 4.

Grupo D — Série 13: — Covilhanense-Castelo Branco, 3-3; Sporting da Covilhã-Casa do Povo de Abrantes, 0-2; Campomaiorense-Portalegrense, 4-1.

Série 14: — Sporting Elvense-Juventude, 9-0.

Série 15: — União de Beja-Atlético de Moura, 2-1; Piense-Luso de Beja, 1-4.

Série 16: — Sporting Farense-Lusitano de Vila Real, 1-3; Boa Esperança-Lisboa e Faro, 5-1.

Nesta série de resultados — alguns surpreendem: Ginásio Clube do Sul, vencedor do Atlético Almadenense por 3-0; outra derrota expressiva do Espinho (5-0 contra o Lamas); o empate do Leixões em Vila Real; o bom resultado do Salgueiros em Viana do Castelo (2-2); outro empate do Sanjoanense em Viseu (2-2); o vultoso 9-0 do Estoril ao Chelas; a derrota que a Casa do Povo de Abrantes foi aplicar ao Sporting da Covilhã, no seu próprio campo...

Nas 16 séries do campeonato há agora grupos bem classificados, como pode ver-se:

S.ª	Clubes	V.	E.	D.	G.
1.ª	Sporting Braga	5	1	—	14-5
2.ª	Famacão	4	—	—	23-1
3.ª	Salgueiros	5	1	—	14-5
4.ª	Progresso	3	—	—	15-8
5.ª	Ovarense	3	—	—	15-4
6.ª	União Coimbra	3	—	—	20-6
6.ª	Naval 1.ª de Maio	3	—	—	12-3
6.ª	At. Marinhense	3	—	—	9-4
7.ª	Futebol Benfica	3	1	—	12-5
8.ª	Alcanenense	2	—	—	10-1
8.ª	Matrena	2	1	—	3-4
9.ª	Estoril Praia	1	—	—	28-2
9.ª	C. U. Lisboa	3	1	—	26-5
10.ª	Ginásio Cacilhas	3	1	—	12-6
11.ª	Fósforos	4	—	—	22-3
12.ª	Unidos Montijo	3	—	—	9-4
13.ª	Lisboa Cast. Branco	2	1	—	9-4
	Casa Povo Abrantes	2	1	—	6-6
14.ª	Sporting Elvense	1	—	—	11-4
	União Montemor	1	—	—	8-5
	Amora	1	—	—	7-7
	Juventude Évora	1	—	—	2-9
15.ª	União Beja	3	—	—	7-4
16.ª	Lusitano Algarve	3	—	—	10-2
	Portimonense	3	—	—	11-3

Há equipas que não conhecem ainda a derrota: — Famacão, União de Coimbra, Associação Naval, Atlético Marinhense, Fósforos, Unidos do Montijo, Lusitano de Vila Real e Portimonense. Ao todo — oito grupos.

Depois dos invictos, podem apontar-se muitas equipas com excelentes resultados, mesmo sem derrotas.

Em boa verdade, o campeonato interessa aos desportistas do país. E como por enquanto não há possibilidades de encontrar o «me-lhor» — continuaremos a segui-lo cuidadosamente...

durante a SEMANA



O guarda-réde júnior da «Cut», defende com certa dificuldade uma bola alta



Um defesa cufista, no desafio de juniores contra o Sportifs, devolve uma bola na devida altura...



Estes grupos de «handball» do Sporting de «Os 13» — Uma jogada confusa



Uma fase do jogo de rugby Benfica-Atlético, em que o primeiro venceu por 2-3



O G. D. da «Cut» venceu o Belenenses. Eis uma passagem do desafio



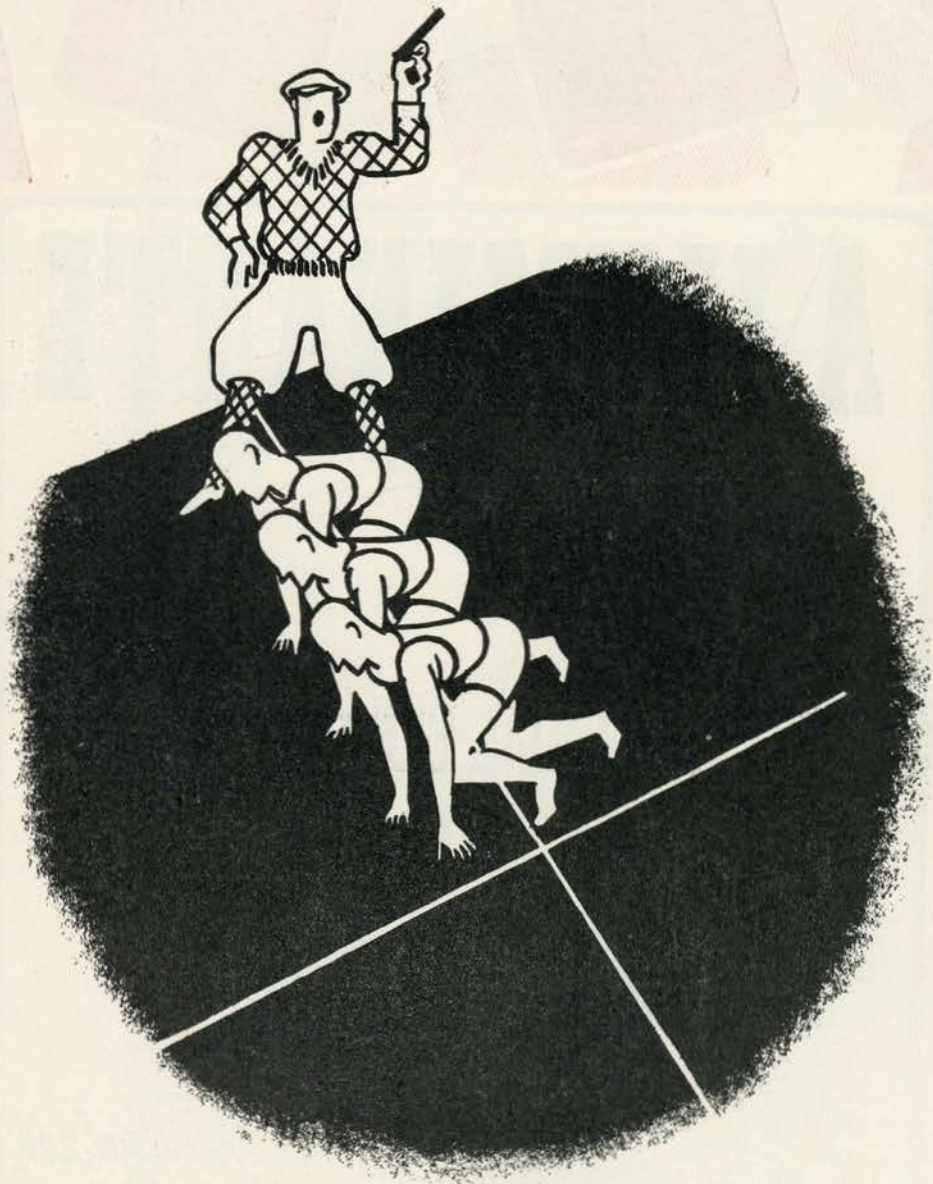
A nova «Área do Remo» com que a Associação Naval de Lisboa está a ensinar os seus jovens praticantes



O «Dr. Mesquita Guimarães», director do Centro de Medicina Desportiva, proferindo o seu discurso na Sociedade de Geografia



O 1.º grupo de «basket» do Sporting, que conquistou o campeonato da 1.ª Divisão. No 1.º plano, da esquerda: — Alfredo, Mira, Costa Dias e Rui Duarte. No 2.º — Campos, Valdemar, Carlos Rodrigues e Leonel Pereira



Stadium

A ILUMINANTE

**MATERIAL ELECTRICO
PARA
TODAS AS APLICAÇÕES**

*Av. Almirante Reis, 6
L. do Intendente, 11 e 17
Lisboa*

*R. Passos Manuel, 209
Porto*

Esc. 2\$00